

A QUESTÃO DA METAFÍSICA COMO TEMA NO PENSAMENTO DE KANT: BREVES CONSIDERAÇÕES

THE QUESTION OF METAPHYSICS AS A THEME IN KANT THOUGHT: BRIEF CONSIDERATIONS

Francisco Antonio de Vasconcelos*

Resumo: O objetivo do presente ensaio é modesto. Com ele queremos apenas destacar alguns pontos, segundo nós importantes, referentes à discussão da qual participaram vários filósofos do século XX a respeito do problema da metafísica na filosofia kantiana. Deve-se tomar Kant como o responsável pela destruição da metafísica? Ou, ao contrário, ele deve ser considerado um pensador metafísico por excelência? Na intenção de encontrar clareza para o enfrentamento dessas questões, o diálogo com autores como Henri Bergson, Ernst Wundt, Martin Heidegger e Ernst Cassirer é algo inevitável para quem tem interesse pela temática.

Palavras-chave: Metafísica. Kant. Contra a Metafísica. Neokantismo.

Abstract: The purpose of this essay is modest. With it we just want to highlight some points, according to us important, concerning the discussion in which several philosophers of the twentieth century participated about the problem of metaphysics in Kantian philosophy. Should Kant be held responsible for the destruction of metaphysics? Or, on the contrary, should he be considered a metaphysical thinker par excellence? In order to find clarity in the confrontation of these issues, the dialogue with authors such as Henri Bergson, Ernst Wundt, Martin Heidegger and Ernst Cassirer is inevitable for those interested in the subject.

Keywords: Metaphysics. Kant. Against Metaphysics. Neo-kantianism.

1. Considerações iniciais

A metafísica em geral e a metafísica como ciência são possíveis? – Assim como ocorre com a matemática pura e a ciência pura da natureza? – pergunta o autor dos *Prolegómenos* (KANT, 1987)¹.

Considerando o recorte temporal deste trabalho², a partir dessa preocupação do filósofo, podemos observar dois tipos de reações: a) Construiu-se uma imagem equivocada de Kant como destruidor da metafísica (há quem defenda a sua

* Professor Adjunto III da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Pós-doutor em Ciências da Religião. Linhas de Pesquisa: 1) Habermas e Educação; 2) Religião e Política; 3) Filosofia Africana. franciscoantonio_vasconcelos@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6907-2940>

¹ A esse respeito, merece ser consultado o artigo *Wie ist Metaphysik als Wissenschaft möglich?* (FUENMAYOR, 2016). O texto é dividido em quatro partes: a) Como é possível a Matemática pura? b) Como é possível a Ciência da Natureza pura? c) Como a Metafísica (como sistema natural) é, afinal, possível? d) Como a Metafísica como ciência é possível?

² Comentadores kantianos do século XX sobre a temática aqui desenvolvida.

impossibilidade, depois de Kant); b) O reconhecimento de Kant como um (ou “o”) pensador metafísico (TREVISAN, 2014). Contudo, é necessário definir o que se entende por metafísica. Para o filósofo de Königsberg, ela “é de maneira geral a questão da passagem do sensível ao suprassensível, como ciência racional por conceitos puros *a priori*” (VANDEWALLE, 2000, p. 1)³.

Em Kant, podemos falar de metafísica em sentido amplo e em sentido estrito. O primeiro é composto por uma parte crítica (responsável por realizar a crítica da razão) e por um sistema da razão pura (ciência do conhecimento racional *a priori* constituído através de conceitos). O segundo é formado pelo “sistema da razão pura quanto a seus objetos” (sua classificação irá depender do uso da razão e do objeto ao qual ela se dirige, por exemplo: uma metafísica da natureza e uma metafísica da moral) (TREVISAN, 2014).

[...] aos ouvidos dos contemporâneos de Kant, uma metafísica da natureza poderia soar como algo parecido a uma cosmologia racional talvez ligada a um *ens realissimum* que garantisse a prova última da realidade do mundo natural, e uma metafísica da moral, algo como uma doutrina do direito natural calcada, em última instância, na teologia natural (cf. Brandt, 1990). Não seria justamente contra isso que se dirige o esforço crítico? (TREVISAN, 2014, p. 107-108)

O sistema crítico está assentado na ideia de que os objetos da experiência possível são o limite da nossa razão especulativa (TREVISAN, 2014).

2. A crítica de Bergson

Para Henri Bergson, o maior inimigo da metafísica é Immanuel Kant. O pensador alemão nega a possibilidade da metafísica compreendida em seu sentido dogmático. No modo de ver kantiano, toda metafísica precisa ser crítica do conhecimento, crítica da razão pura (TOPAKKAYA, 2008).

Kant pergunta se a metafísica *a priori*, no terreno do conhecimento material, é possível. Como resposta a essa questão, ele diz que a metafísica precisa ser, em primeiro plano, uma ciência dos limites da razão humana. Em uma época de rejeição à

³ Na fase do pensamento kantiano denominada de Crítica, são encontradas ao menos quatro acepções para metafísica: *metaphysica generalis*, *metaphysica specialis*, *metaphysica naturalis*, *metaphysica applicata* – pertencem a esta última uma metafísica da natureza e uma metafísica dos costumes –. (TREVISAN, 2014).

metafísica, o pensador de Königsberg propôs a realização do renascimento da metafísica por meio de uma crítica radical e completa da razão (TOPAKKAYA, 2008).

Na perspectiva de Kant, a razão humana, através de sua capacidade cognitiva, não consegue alcançar a realidade absoluta. De acordo com ele, a metafísica vive e morre em antinomias. Bergson sublinha que, para Kant, a metafísica só seria possível por intermédio do esforço da intuição. No entanto, ela é impossível, defende o autor da *Crítica da razão pura*. No entender do pensador francês, Kant bateu pesado na metafísica, de modo que, até hoje, ela ainda não logrou se recuperar desses golpes. Bergson prossegue, afirmando que quem ler a obra citada com atenção irá observar que, para o autor, a metafísica é um platonismo mal elaborado (TOPAKKAYA, 2008).

Bergson chama nossa atenção para o seguinte: De fato, Kant viu adequadamente o significado fundamental da intuição para uma metafísica. Todavia, ele negou que os homens fossem capazes de tal intuição, refutando conseqüentemente a possibilidade da metafísica. Ao contrário, para o teórico francês, o ser humano possui essa capacidade, por isso, a metafísica é um tipo de conhecimento possível, sim (TOPAKKAYA, 2008).

Contudo, é necessário reconhecer que a filosofia elaborada por Kant, em seu conjunto, deriva de um debate profundo e constante com a metafísica. Além disso, discordando de Bergson, deve-se afirmar ainda que, de acordo com o teórico alemão, a metafísica é algo muito importante para o homem. Certamente, “Para Kant, a verdadeira metafísica deve conhecer suas fronteiras e não renunciar à razão” (TOPAKKAYA, 2008, p. 9).

3. Kant, um pensador metafísico

Neste tópico, observaremos a posição de Max Wundt. Em 1924, ele publicou *Kant als Metaphysiker, Ein Beitrag zur Geschichte der deutschen Philosophie im 18. Jahrhundert* (Kant como metafísico: Uma contribuição à história da filosofia alemã no século XVIII). Sobre essa obra, seremos auxiliados, aqui, por dois textos: a) o artigo de Bernhard Braubach cujo título é *Kant als Schöpfer einer neuen Metaphysik* (Kant como criador de uma nova metafísica); b) o ensaio de Reinhard Brandt, *Kant como metafísico*. Ambos são dedicados à análise do livro de Wundt⁴. Esta obra “[...] é um livro a partir do qual se pode observar, como se estivesse no cume de uma montanha, para trás, para

⁴ No que se refere à posição de Wundt, vale a pena consultar Christian Baertschi, *Die deutsche metaphysische Kantinterpretation der 1920er Jahre*, 2004, p. 52-87.

Kant, e para frente, para a concepção da metafísica dominante na Alemanha até os anos sessenta” (BRANDT, 1993, p. 27).

Wundt indaga a respeito do sucesso obtido por Kant (que tinha colocada diante de si a tarefa de aperfeiçoar a metafísica iluminista) em sua tentativa de elaborar uma nova metafísica, desenvolvida no período romântico. Desse modo, o autor situa Kant entre a *Aufklärung* e o romantismo (BRAUBACH, 1929).

O livro em discussão evidencia que a cristandade lutou pela reconciliação entre Deus e o mundo. Este último passa a ser visto pelo espírito germânico-cristão como o local da obra de Deus. Assim, o mundo sensível encontra sua razão de ser no mundo suprassensível. Nessa direção, de acordo com o escritor, a atuação de Deus no mundo é questão fundamental para o pensamento kantiano. Para ele, a metafísica de Kant é baseada na filosofia leibniziana-wolfeana em termos de conteúdo e justificação; mas, também é importante para o seu conteúdo a filosofia da experiência elaborada por Newton e, para a justificação, a epistemologia desenvolvida por Crusius (BRAUBACH, 1929).

Na década de 1770, a filosofia alemã se abriu ao pensamento filosófico vindo da França e Inglaterra, sendo por ele influenciada. O autor salienta que a *Crítica da Razão Pura* (denominada por Kant de “Metafísica da metafísica”)⁵ procura salvar o idealismo alemão, restabelecendo sua visão de mundo metafísica (BRAUBACH, 1929).

O cânon da razão pura, sob o princípio *a priori* do uso correto da razão pura, mostra a possibilidade de fundamentar a metafísica na prática: da liberdade moral e do pensamento objetivo, o pensamento eleva-se do sensível ao mundo suprassensível. A justificação é dada em três etapas: A crítica do conhecimento experiencial leva à coisa em si como um conceito limite; a crítica da metafísica anterior aponta para o uso errado e correto das ideias; a nova base da metafísica aponta para a liberdade moral através da experiência, que é um pré-requisito. Sua realização requer o ideal do bem maior, que não pode ser pensado sem a existência de Deus e uma vida futura. "Aqui a realidade objetiva do mundo inteligível é adquirida como objeto de crença moral." (BRAUBACH, 1929, p. 421-422)

O conhecimento da razão pura a partir de meros conceitos, que desenvolve as leis subjacentes à ciência *a priori* da razão, é metafísica. Dá a definição mais geral do objeto pressuposto: na metafísica da natureza, oferece o conceito de “matéria”; na

⁵ A esse respeito, confira-se o livro de Francois-Xavier Chenet, *La métaphysique de la métaphysique* (2008).

metafísica dos costumes, ela fornece o conceito de “dever”⁶. Kant renova o antigo pensamento platônico, para o qual o homem vive em dois mundos, e ele dá uma construção mais forte do conceito por meio da consciência moral dos homens através da passagem do mundo sensível ao mundo suprassensível (BRAUBACH, 1929).

A natureza da metafísica é certamente colocada no anseio de ser suprassensorial, e o conteúdo dessa metafísica é considerado expresso e exposto nas próprias obras críticas do pensamento elaborado por Kant. O sistema da *Crítica da razão pura* significa não mais uma preparação para a metafísica, mas significa a metafísica em si (BRAUBACH, 1929).

Cem anos depois da morte de Kant, este foi capturado por Wundt para as fileiras da “ontologia-greco-cristã-alemã”. O embate, vivenciado à época, entre as ciências da natureza e a filosofia propiciou o retorno aos grandes temas (ser e existência, tempo, Deus etc). Como não havia ninguém melhor do que os filósofos para enfrentá-los, viu-se a metafísica ressurgir através de nomes como o próprio Wundt e Heidegger (BRANDT, 1993).

Vale mencionar que existem elementos fundamentais ao Criticismo kantiano os quais não foram contemplados por Wundt. “No que diz respeito ao método, a interpretação wundtiana de Kant é possibilitada por uma hermenêutica impensada e dominada pela própria *Weltanschauung* e de acordo com o tempo” (BRANDT, 1993, p. 28).

Há uma diferença considerável entre o que se concebe por metafísica em Kant e em Wundt. Pensadores que não ocupam espaço em uma metafísica e ontologia greco-cristã-alemã são percebidos por Kant como importantes (Epicuro, Bacon, Descartes, Hume, Rousseau dentre outros). “Para Wundt, não há nenhuma ruptura entre o Kant pré-crítico e o crítico” (BRANDT, 1993, p. 30). No livro em questão, como vimos, Wundt tece considerações sobre a metafísica elaborada por Leibniz, Wolff e Crusius, apresentando a relação dela com o pensamento de Kant. Na visão do autor, o objetivo do filósofo de Königsberg era fazer uma revisão do pensamento de Wolff: Para Descartes, temos “Deus” (substância independente) e, a “Alma” e o “corpo” (substâncias dependentes). Wolff, de certa forma, mantém-se ligado ao ponto de vista do teórico francês. Kant, ao contrário, intenta conseguir a unidade do ser. “E com a concepção da fenomenologia do espaço e do tempo, com a ideia da liberdade prática,

⁶ Aqui, é leitura obrigatória a *Crítica da razão prática* (2002).

Kant segue seus verdadeiros antecessores: Platão, Lutero e Leibniz” (BRANDT, 1993, p. 30).

Prosseguindo, o escrito de Wundt descreve brevemente a constituição da metafísica greco-cristã-alemã. O autor destaca: “Ela, juntamente com suas imutáveis ideias fundamentais, é levada até Kant passando por Leibniz, Wolff e Crusius, experimentando um novo auge no idealismo alemão de Fichte, Schelling e Hegel” (BRANDT, 1993, p. 31)⁷.

Concluindo este tópico, tenhamos em mente uma mudança no pensamento kantiano, fundamental para a temática deste artigo: Em sua obra de 1755, *História geral da natureza e teoria do céu*, o jovem Kant apresenta uma compreensão do mundo como algo unitário. Cerca de uma década depois, ele sugere a descrição de um mundo cindido, propondo uma metafísica composta de duas partes: uma metafísica da natureza e uma metafísica dos costumes (BRANDT, 1993, p. 45).

4. A disputa entre Heidegger e Cassirer

Em 1919, foi publicado o livro de Peter Wust que possuía um significativo título, *Die Auferstehung der Metaphysik* (A ressurreição da Metafísica). Trazer à cena esta obra nos ajuda a compreender melhor o ambiente europeu no qual se deu o embate analisado nesse tópico.

O grito de guerra do Neokantismo era “De volta à Kant!”. Todavia, o que esses pensadores queriam, de verdade, era um melhoramento do pensamento kantiano. Esse movimento possuía duas vertentes que merecem destaque: a Escola de Marburg (Hermann Cohen, Paul Natorp e Ernst Cassirer), valorizando a lógica e a ciência; a Escola de Baden (Heinrich Rickert, Emil Lask, Gustav Radbruch e Max Mayer), exercendo grande influência na filosofia alemã, principalmente sobre a corrente fenomenológica e o historicismo.

O Neokantismo foi o primeiro a apresentar a filosofia como um conhecimento de segunda ordem, isto é, o nível de abstração dela seria inferior ao da ciência. A Escola de Marburg e a Escola de Baden são, ao mesmo tempo, unidas e separadas pela

⁷ A análise a respeito de Kant, elaborada por Wundt, herda bastante da tradição que menospreza a importância do pensamento filosófico inglês sobre o filósofo alemão (BRANDT, 1993, p. 34), pressupõe uma univocidade do conceito “metafísica” (BRANDT, 1993, p. 35). Finalmente, a Alemanha pós-kantiana, depois e também por causa de Kant, quase não ouve mais falar de metafísica (BRANDT, 1993, p. 36).

análise da validade objetiva dos problemas científicos. Os pensadores da primeira focavam na objetividade, enquanto que os pensadores da segunda estavam mais interessados na questão da validade. Vale sublinhar que a principal questão enfrentada pelas duas escolas era o problema da transcendência.

O método transcendental começa com o fato da cultura, então, os neo-kantianos da Escola de Marburg rejeitam a possibilidade da metafísica especulativa. A filosofia transcendental, para eles, também é distinta e independente da psicologia. Embora o objetivo da teoria do conhecimento seja compreender o que torna a experiência possível, esses teóricos entendem a experiência de um modo radicalmente não-psicológico (HEIS, 2018).

Cohen alerta que o método transcendental não pesquisa os princípios da razão humana, mas sim o fundamento da ciência que condiciona a validade científica. Não há meios metodológicos para obter informações exatas, científicas e seguras das partes últimas e mais simples de nossa essência mental. Mas, as ciências estão diante de nós em livros, diz ele. O que os torna ciências, em que seu caráter de generalidade e necessidade repousa, a partir de quais conceitos sua validade epistemológica pode ser derivada, que ferramentas e modos de saber explicam em sua validade os fatos históricos do conhecimento, isto é, as ciências? Temos aqui, certamente, uma questão metodológica, posta pela ciência mesma. Eis, portanto, segundo ele, o problema transcendental (HEIS, 2018).

Em 1929, em Davos - Suíça, deu-se a segunda edição do *Internationale Davoser Hochschulkurse*, um grande evento acadêmico, no qual estiveram presentes Martin Heidegger e Ernst Cassirer, “[...] dois expoentes em polos opostos no cenário do pensamento filosófico alemão” (GARCIA, 2017, p. 157). Aí, os dois protagonizaram uma disputa que se converteria no principal acontecimento do encontro e que passou a ser denominado de *Die Davoser Disputation*. “O que Heidegger entende por neokantismo?” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 161) foi a questão posta por Ernst Cassirer, abrindo assim a Disputa de Davos. De acordo com a opinião do público presente, o confronto foi vencido por Heidegger, pondo fim ao movimento neokantiano.

Entretanto, deve-se ter diante dos olhos que a morte do neokantismo não foi seguida de um sepultamento imediato. Depois do sucedido na cidade de Davos, deram-se novas parcerias, no campo da Filosofia, entre Heidegger e Cassirer. Contudo,

[...] o debate de Davos é significativo em termos estritamente filosóficos, especialmente no que tange à interpretação de Kant esboçada por Heidegger e posteriormente publicada em seu livro sobre Kant, mas também sobre o próprio significado da modernidade e da contemporaneidade quando colocada em perspectiva da tradição moderna, que é o caso do livro de Cassirer *Philosophie der Aufklärung* (GARCIA, 2017, p. 158-159).

Cassirer, no que lhe concerne, interroga sobre qual seria o propósito de Heidegger em substituir a crítica neokantiana pela sua própria, isto é, a crítica fenomenológica. E prossegue, reclamando por terem transformado o Neokantismo no bode expiatório da nova filosofia.

Em Davos, pela primeira vez, Heidegger vem a público para criticar firmemente o neokantismo. Ele ressalta que, na década de 1850, a totalidade do cognoscível havia sido tomada pelas ciências do espírito e ciências da natureza. Então, o filósofo pergunta: “o que sobra ainda da filosofia se a totalidade do Ente [*Seiend*] foi dividida entre as ciências? Sobra apenas conhecimento da ciência, não do Ente” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 161). Na sequência, o pensador condena o fato, entendido por ele como um equívoco, de se ter tomado Kant “como teórico da teoria do conhecimento físico-matemática”.

Respondendo a Cassirer, Heidegger esclarece o que ele entende por Neokantismo: “[...] a concepção da *Crítica da Razão Pura* que explica como teoria do conhecimento, com referência à ciência natural, a parte da [Crítica da] razão pura que conduz à Dialética Transcendental” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 162). Mas, se o neokantismo estava errado em sua interpretação da referida obra kantiana, qual seria, na visão de Heidegger, o verdadeiro propósito do filósofo de Königsberg? Heidegger responde:

Para mim, o que interessa é mostrar que isso que aqui foi extraído como teoria do conhecimento era, para Kant, não essencial. Kant não queria nos dar nenhuma teoria da ciência natural, mas, antes, queria indicar a problemática da metafísica e, nomeadamente, a da ontologia (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 162).

Tendo sido isso aclarado, deve-se precisar o que pretende Heidegger. Ele informa:

Em que isto me interessa é trabalhar de dentro positivamente este conteúdo nuclear do terreno positivo da *Crítica da Razão Pura* na

ontologia. No fundamento da minha interpretação da Dialética como ontologia acredito poder mostrar que o problema da aparência [*Schein*] na Lógica Transcendental, o qual, para Kant, é apenas negativo, como primeiramente parece, é um problema positivo, no qual está em questão: a aparência é apenas um fato que constatamos ou todo o problema da razão deve ser apreendido de tal modo que, de antemão, se compreenda como à natureza do homem pertence necessariamente a aparência (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 162).

Heidegger destaca que, no entender de Kant, a natureza, de modo algum, pode ser vista como objeto da ciência natural matemática. Assim, na Doutrina dos Princípios, Kant não tencionava oferecer “[...] uma doutrina estrutural categorial do objeto da ciência natural matemática. O que ele queria era uma teoria do Ente em geral” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 164).

Heidegger avança em sua explicação:

Kant procura uma teoria do Ser em geral, [...]. Ele procura uma ontologia geral, a qual se encontra antes de uma ontologia da natureza enquanto objeto da ciência natural e antes de uma ontologia da natureza enquanto objeto da psicologia. O que eu quero indicar é que a Analítica não é apenas uma ontologia da natureza enquanto objeto da ciência natural, mas, antes, uma ontologia geral, uma *metaphysica generalis* criticamente fundada. Kant, ele mesmo, diz: a problemática dos *Prolegômenos*, na qual ele ilustra como a ciência natural é possível, e assim por diante, não é o motivo central, mas, isto sim, este é a pergunta pela possibilidade da *metaphysica generalis* com respeito à sua própria execução. (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 164-165)

Saber o que é o Ente (*Seiend*) – problema metafísico por excelência, colocado pelos antigos Platão e Aristóteles e considerado também por Kant – representa a questão mais importante da metafísica de Heidegger, é o que nos informa Cassirer. Entretanto, mencionando à virada copernicana, este filósofo aponta para uma diferença fundamental:

Parece-me que a pergunta do Ser [*Sein*], de fato, de nenhum modo foi eliminada com esta viragem. Esta seria uma interpretação completamente incorreta. A pergunta do Ser, porém, recebe, desse modo, com esta viragem, uma configuração muitíssimo mais complicada do que teve na Antiguidade. (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 176)

Qual seria, então, a novidade capaz de permitir Kant superar a velha metafísica dogmática, colocando em seu lugar a sua nova metafísica crítica? Cassirer nos responde dizendo que o Ser [*Sein*] da primeira “era a substância, o subjacente [*Zugrundeliegende*]”, ao passo que o Ser da segunda, isto é, da metafísica elaborada pelo pensador de Königsberg, é “o Ser que parte de uma diversidade de determinações funcionais e significados.” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 176). Aqui, segundo o próprio Cassirer, encontra-se uma divergência entre ele e Heidegger.

O conselho de Heidegger para os presentes (e para todos nós) é no sentido de indicar o que, realmente, importa naquele debate: não se trata de dar razão aos argumentos de Heidegger ou de Cassirer, por assim dizer, mas de voltar a dar o devido valor à questão central da Metafísica.

Heidegger ao colocar o problema da verdade nega a existência de verdades eternas, apresentando-as como relativas ao *Dasein*. Em suas palavras: “Não há para o homem verdades eternas e necessárias” (CASSIRER; HEIDEGGER, 2017, p. 164). Todavia, para Kant, a grande questão era saber como as verdades necessárias e universais são possíveis (juízos sintéticos *a priori*).

No mesmo ano desse episódio de Davos, foi publicado o livro de Heidegger intitulado *Kant und das Problem der Metaphysik* (Kant e o problema da Metafísica). Por sua vez, Cassirer, também naquele ano, escreveu o artigo *Kant und das Problem der Metaphysik: Bemerkungen zu Martin Heideggers Kant-Interpretation* (Kant e o problema da Metafísica: Observações sobre a interpretação kantiana de Martin Heidegger), comentando o referido livro.

Ali, Cassirer evidencia que, já na época de Kant, para alguns autores (pertencentes à geração mais velha) a *Crítica da razão pura* apontava para a destruição da metafísica; todavia, existiam outros (da geração mais jovem) os quais saldavam a clássica obra kantiana como o alvorecer de uma nova metafísica (CASSIRER, 1929).

A partir daí, considerando o interior do pensamento de Kant, prevaleceu a ideia de que, em relação à metafísica, a posição do filósofo sempre flutuou. Então, resta saber se Kant é o crítico da razão, o lógico e metodologista do conhecimento científico ou se, ao invés disso, seria a crítica para ele apenas o ponto de partida de um problema completamente diferente. Em outras palavras: teria ele enterrado de vez a metafísica ou, ao contrário, ele a trouxe de volta à vida? A resposta a essa questão mudará, dependendo de quem e de quando (CASSIRER, 1929).

Objetivando chamar a atenção para a diferença de visões entre Heidegger e o “Crítico positivista”, Cassirer cita Riehl. A ideia é mostrar: de um lado, a concepção de Heidegger a respeito da tarefa central da metafísica; e, de outro lado, o modo de pensar e a consciência filosófica desse criticismo. Cassirer destaca o combate veemente de Heidegger contra esse modo de pensar – que supunha, equivocadamente, ser o objetivo essencial de Kant basear a metafísica na “teoria do conhecimento”, e que ele queria oferecer, na *Crítica da razão pura*, apenas parcialmente essa teoria do conhecimento (CASSIRER, 1929).

Para Heidegger, a intenção da *Crítica da razão pura* permanecerá fundamentalmente mal compreendida, se a interpretarmos como uma “teoria da experiência” ou mesmo como uma teoria das ciências positivas. Dessa forma, o problema metafísico continuaria sem ser revelado, pois o significado desse problema não pode ser tornado acessível por mera lógica, nem pode ser aproveitado para uma “lógica do conhecimento puro”. Metafísica, por sua própria natureza, exige uma doutrina do Ser, deseja apresentar-se como ontologia. Mas toda questão a respeito do Ser, em última análise, leva de volta à questão do homem [*Dasein*]. No entender de Heidegger, “O que é o homem?” foi a questão que fez Kant acordar, determinando a direção de todas as suas investigações metafísicas (CASSIRER, 1929).

Seria correto, aqui, falarmos de “interpretação” em vista disso? Ou essa designação é uma impertinência porque Heidegger não pretende seguir as palavras e argumentos de Kant? Será que uma interpretação – Cassirer pergunta corretamente – não é arbitrária quando compele o autor a dizer algo que ele se absteve de dizer, porque ele não podia pensar em algo assim? Heidegger, certamente, vai além do que é comumente entendido por interpretação. Ele não apenas coloca o texto para entendê-lo. Ele o corrige, inclina-o na direção desejada, às vezes o lê conscientemente contra uma (suposta) intenção original de Kant (BAERTSCHI, 2004, p.159).

5. Considerações finais

A relação de Kant com a metafísica – podemos dizer – foi, por vezes, marcada pela ambiguidade. Isto, por si só, já é suficiente para dificultar o enfrentamento do problema. A título de exemplo, vejamos: se de um lado, o pensador põe sob suspeição “o estatuto científico da metafísica dogmática tradicional”, por outro,

Kant reconhece, não obstante, que quando tratamos da metafísica não estamos lidando com uma ciência acessória da qual poderíamos abrir mão caso ela se demonstrasse impossível ou inviável de um ponto de vista teórico. Muito pelo contrário, a metafísica, a ciência racional por excelência, se constitui como uma “disposição natural da razão” (TREVISAN, 2014, p. 108).

Todavia, merece destaque o fato de Kant, por meio de sua Crítica, afirmar ser a experiência o limite para o uso especulativo de nossa razão; de outra parte, o filósofo defende que “os objetos da metafísica tradicional são e *devem* ser reabilitados do ponto de vista do *uso prático da razão*, para o qual são imprescindíveis como postulados necessários para a realização completa do objeto da lei moral, o Sumo Bem.” (TREVISAN, 2014, p. 108-109).

Concluimos destacando ser a metafísica elaborada por Kant “um sistema de conceitos e princípios a priori que tornam possíveis os objetos da experiência” (GREGOR, 1963, p. 2).

Referências

- BAERTSCHI, C. *Die deutsche metaphysische Kantinterpretation der 1920er Jahre*. 2004. 218 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Philosophischen Fakultät, Universität Zürich, Zürich, 2004. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/34424917_Die_deutsche_metaphysische_Kantinterpretation_der_1920er_Jahre>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- BRANDT, R. Kant como metafísico. *Revista de Filosofia Diánoia*, v. 39, n. 39, p. 27-57, 1993. Disponível em: < <http://dianoia.filosoficas.unam.mx/index.php/dianoia/article/view/565/569> >. Acesso em: 23 ago. 2018.
- BRAUBACH, B. Kant als Schöpfer einer neuen Metaphysik. Eine Darstellung und Würdigung der Grundgedanken des Buches von Max Wundt “Kant als Metaphysiker”. In: *Philosophisches Jahrbuch*, n. 39, p. 419-434, 1926. Disponível em: < http://philosophisches-jahrbuch.de/wp-content/uploads/2018/12/PJ39_S419-434_Braubach_Kant-als-Sch%C3%B6pfer-einer-neuen-Metaphysik.pdf >. Acesso em: 5 abr. 2017.
- CASSIRER, E. Kant und das Problem der Metaphysik: Bemerkungen zu Martin Heideggers Kant-Interpretation. *Kantstudien*, XXXVI, 1. Bonn, p. 1-26, 1929. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/360464889/Cassirer-Kant-Und-Das-Problem-Der-Metaphysik-Bemerkungen>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- CASSIRER, E; HEIDEGGER, M; PEREZ, A. Disputa de Davos entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger. Tradução de André Rodrigues Ferreira Perez. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, n. 22 v. 1, p. 161-178, 2017. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/123440>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- CHENET, F.-X. *La métaphysique de la métaphysique*. Philopsis, 2008.

- FUENMAYOR, David. *Wie ist Metaphysik als Wissenschaft möglich?*. Freie Universität Berlin, p. 1-17, 2016. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/319140486_Wie_ist_Metaphysik_als_Wissenschaft_moglich>. Acesso em: 7 out. 2018.
- GARCIA, Rafael Rodrigues. Apresentação: Tradução de Disputa de Davos entre Ernst Cassirer e Martin Heidegger, por André Rodrigues Ferreira Perez, *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 22, n. 1, p. 157-159, 2017. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/134214/130042>>.
- GREGOR, Mary J. *Laws of freedom: a study of Kant's method of applying the categorical imperative in the Metaphysik der Sitten*. Oxford: Basil Blackwell, 1963. Acesso em: 10 mar. 2017.
- HEIS, Jeremy. Neo-Kantianism. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Summer 2018 Edition. Disponível em: < <https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=neo-kantianism>>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- KANT, Immanuel. *Histoire Générale de la Nature et Théorie du Ciel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1984.
- _____. *Crítica da razão pura*. 5 ed. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Prolegômenos a toda a metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1987. (Textos Filosóficos).
- TOPAKKAYA, Arslan. Bergson Kritik an Kants Metaphysiklehre. *Tabvla Rasa: Jenenser Zeitschrift für kritisches Denken*, 2008. Disponível em: < <http://www.tabvlarasa.de/33/Topakkaya.php>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- TREVISAN, D. K. Sentidos de metafísica na filosofia crítica de Kant. *Studia Kantiana*, p. 104-125, v. 12, n. 17, 2014. Disponível em: < <http://www.sociedadekant.org/studiakantiana/index.php/sk/article/view/182>>. Acesso em: 5 fev. 2016.
- VANDEWALLE, B. La métaphysique dans l'oeuvre de Kant. *Philosoph'île*, p. 1-12, 2000. Disponível em: < https://pedagogie.ac-reunion.fr/fileadmin/ANNEXES-ACADEMIQUES/03-PEDAGOGIE/02-COLLEGE/philosophie/Textes_des_collegues_sur_auteurs/Van_Kant.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.
- WUST, P. *Die Auferstehung der Metaphysik*. Leipzig: Meiner, 1920. Disponível em: < <https://ia800503.us.archive.org/26/items/dieauferstehungd00wust/dieauferstehungd00wust.pdf>>. Acesso em mai. 2018.
- WUNDT, M. *Kant als Metaphysiker: Ein Beitrag zur Geschichte der deutschen Philosophie im 18. Jahrhundert*. Stuttgart: G. Olms, 1984.

Recebido em: 20/08/2019
Aprovado em: 03/02/2020